

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS: PERSPECTIVAS SOBRE INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO, NARRATIVAS E ENSINO DE LIBRAS

Lara Ferreira dos Santos, Lodenir Becker Karnopp

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13266>

Submetido em: 2025-09-09

Postado em: 2025-09-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS: PERSPECTIVAS SOBRE INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO, NARRATIVAS E ENSINO DE LIBRAS

LARA FERREIRA DOS SANTOS¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3196-9346>

[<lfsantos@ufscar.br>](mailto:lfsantos@ufscar.br)

LODENIR BECKER KARNOPP²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5370-5587>

[<lodenir.karnopp@ufrgs.br>](mailto:lodenir.karnopp@ufrgs.br)

¹ Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo (SP), Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

RESUMO: A educação bilíngue de surdos, reconhecida legalmente no Brasil, define a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua das comunidades surdas e estabelece sua oferta obrigatória na Educação Básica. No entanto, a formação inicial dos professores surdos, responsáveis pelo ensino da Libras, ainda é precária, sem diretrizes curriculares consolidadas. Este estudo teve como objetivo analisar práticas e processos formativos de professores surdos a partir da implementação de um curso de formação continuada em dois estados brasileiros (São Paulo e Rio Grande do Sul). Utilizou-se como recurso didático o instrumento NarVal – Avaliação de Narrativas em Libras, com potencial não apenas para avaliar a produção linguística de crianças surdas, mas também como ferramenta formativa para professores. A metodologia de pesquisa envolveu a realização de um curso *online*, entrevistas coletivas e registro audiovisual dos encontros. Fundamentada nas teorias de Vigotski e Bakhtin, a análise evidenciou lacunas na formação inicial desses docentes, especialmente no domínio da estrutura da Libras e na compreensão de seu papel no desenvolvimento linguístico e cognitivo dos alunos. O uso do NarVal contribuiu para ampliar a consciência sobre o funcionamento da Libras e para refletir sobre o ensino da narrativa como elemento formador. Além disso, o estudo revelou a ausência de um currículo específico para o ensino da Libras, comprometendo a progressão do aprendizado. Conclui-se pela urgência de se repensar a formação inicial dos professores surdos e elaborar-se um currículo que atenda a especificidade visogestual da Libras, valorizando a atuação docente no contexto da educação bilíngue.

Palavras-chave: educação dos surdos, língua brasileira de sinais, instrumento de avaliação da Libras, professor surdo, educação especial.

DEAF TEACHER EDUCATION: PERSPECTIVES ON ASSESSMENT INSTRUMENT, NARRATIVES AND TEACHING OF LIBRAS

ABSTRACT: Bilingual education for the deaf, legally recognized in Brazil, establishes Brazilian Sign Language (Libras) as the first language of deaf communities and mandates its compulsory provision in Basic Education. However, the initial training of deaf teachers – those responsible for teaching Libras – remains precarious, lacking consolidated curricular guidelines. This study aimed to analyze training practices and processes for deaf teachers through the implementation of a continuing education course in two Brazilian states (São Paulo and Rio Grande do Sul). The NarVal instrument – Libras Narrative Assessment – was used as a didactic resource, with potential not only to assess the linguistic production of deaf children but also to serve as a formative tool for teachers. The research methodology included

an online course, collective interviews, and audiovisual recordings of the sessions. Based on the theories of Vigotski and Bakhtin, the analysis highlighted gaps in the initial training of these teachers, particularly in their mastery of Libras structure and their understanding of its role in students' linguistic and cognitive development. The use of NarVal helped broaden awareness of the linguistic organization of Libras and fostered reflection on narrative teaching as a formative element. Furthermore, the study revealed the absence of a specific curriculum for teaching Libras, which hinders the progression of learning. The study concludes with a call for the urgent reevaluation of initial teacher education for deaf instructors and the development of a curriculum that respects the visual-gestural nature of Libras, while valuing teaching practices within the context of bilingual education.

Keywords: deaf education, brazilian sign language, Libras assessment tool, deaf teacher, special education.

FORMACIÓN DE PROFESORES SORDOS: PERSPECTIVAS SOBRE INSTRUMENTO DE EVALUACIÓN, NARRATIVAS Y LA ENSEÑANZA DE LIBRAS

RESUMEN: La educación bilingüe de personas sordas, reconocida legalmente en Brasil, establece la Lengua de Señas Brasileña (Libras) como la primera lengua de las comunidades sordas y determina su oferta obligatoria en la Educación Básica. Sin embargo, la formación inicial de los docentes sordos – responsables de la enseñanza de Libras– aún es precaria, sin directrices curriculares consolidadas. Este estudio tuvo como objetivo analizar prácticas y procesos formativos de profesores sordos a partir de la implementación de un curso de formación continua en dos estados brasileños (São Paulo y Rio Grande do Sul). Se utilizó como recurso didáctico el instrumento NarVal – Evaluación de Narrativas en Libras, con potencial no solo para evaluar la producción lingüística de niños sordos, sino también como herramienta formativa para docentes. La metodología de investigación incluyó la realización de un curso en línea, entrevistas colectivas y registros audiovisuales de los encuentros. Basado en las teorías de Vygotsky y Bajtín, el análisis evidenció lagunas en la formación inicial de estos docentes, especialmente en el dominio de la estructura de Libras y en la comprensión de su papel en el desarrollo lingüístico y cognitivo de los alumnos. El uso de NarVal contribuyó a ampliar la conciencia sobre la organización lingüística de Libras y a reflexionar sobre la enseñanza de la narrativa como elemento formador. Además, el estudio reveló la ausencia de un currículo específico para la enseñanza de Libras, lo que compromete la progresión del aprendizaje. Se concluye con la urgencia de se repensar la formación inicial de los profesores sordos y elaborarse un currículo que respete la especificidad visogestual de Libras, valorando la actuación docente en el contexto de la educación bilingüe.

Palabras clave: educación de personas sordas, lengua de señas brasileña, instrumento de evaluación de Libras, docente sordo, educación especial.

INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), defende a inclusão de alunos com deficiência por meio de uma reorganização escolar que combata práticas discriminatórias e assegure os direitos e especificidades dos estudantes, com vistas à promoção de uma educação de qualidade para todos. No entanto, embora a população surda, integrante do público-alvo da educação especial, tenha inicialmente se alinhado a esse paradigma inclusivo, as demandas históricas da comunidade surda e evidências científicas comprovaram a necessidade de uma abordagem diferenciada, especialmente no que se refere à garantia do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir da promulgação da Lei nº 10.436 (Brasil, 2002) e do

Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005), conquistas advindas da mobilização da comunidade surda, a educação bilíngue – que reconhece a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda – começou a ser compreendida e valorizada, ganhando espaço nas políticas educacionais e sendo respaldada por pesquisas que apontam resultados positivos de sua implementação (Lodi; Lacerda, 2009; Moura, 2011). Assim, a educação bilíngue de surdos tem sido tema frequente na atualidade.

Nesse contexto, compreende-se que as escolas devem se organizar para o ensino aos estudantes surdos considerando a Libras como língua de instrução. Diversas pesquisas apontam para resultados educacionais positivos quando propõem uma organização orientada conforme a legislação, em que haja a presença de professores bilíngues nos anos iniciais, instrutores de Libras e tradutores e intérpretes de Libras (Lacerda; Santos; Martins, 2016; Moraes, 2018; Pinto, 2024). Todavia, não basta assegurar a presença de tais profissionais, o que por si só já é uma experiência pouco comum nas escolas regulares em nosso país. A educação bilíngue de surdos tornou-se, recentemente, uma modalidade de ensino (Brasil, 2021) e deve ser encarada como tal, com os cuidados que a tarefa demanda.

Somente nós, surdos, que sabemos o que é melhor para nós, da forma como precisamos ser educados, da forma como precisamos aprender, que é pela instrução direta em nossa língua de sinais, língua soberana da comunidade surda, que ajuda na formação da ‘identidade linguística da comunidade surda’, como garante e expressa a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 1998) (Reis; Lima, 2022, p. 763).

Em consonância com Reis e Lima (2022), que defendem o direito de aprender diretamente em sua língua, compreende-se que é preciso mais que a criação de um ambiente em que a Libras seja a língua de instrução, mas que considere as peculiaridades do desenvolvimento da criança surda, que se constitui na/pela visualidade, bem como propostas de ensino e materiais elaborados para este público, e não adaptados daquilo que é ofertado em língua portuguesa para estudantes ouvintes. Desse modo, é preciso rever o que se compreende por e como se pratica a educação bilíngue, de fato.

O desenvolvimento da linguagem em crianças surdas é fundamental para sua constituição como sujeito e para a formação de sua identidade. Trata-se de um processo essencial para que elas possam se tornar cidadãos críticos e reflexivos, conscientes de sua singularidade e de seus direitos. Sob a perspectiva histórico-cultural, especialmente a partir das contribuições de Vigotski (2007; 2008), compreende-se que a linguagem é elemento central no processo de humanização, sendo imprescindível para o desenvolvimento da fala, do pensamento e da construção de conceitos científicos. Esse desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais: ao estar inserida em um contexto sociocultural, a criança apropria-se das relações estabelecidas com o outro e as internaliza, transformando essas experiências externas em saberes pessoais.

Ao tomar esse conceito como base para compreender o desenvolvimento da criança surda, entende-se que seu pleno desenvolvimento só é possível se o meio social em que está inserida lhe proporcionar acesso à informação – o que ocorre, prioritariamente, por meio de uma língua que lhe seja acessível: a língua de sinais. Entretanto, a maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes (Moura, 2014), o que dificulta o acesso à Libras em tenra idade; não raro, o primeiro contato com a língua de sinais ocorre apenas quando ingressam na escola.

Considerado esse fator, pesquisas recentes evidenciam a relevância do investimento precoce na Libras, por meio de práticas bilíngues e da atuação de profissionais qualificados em cada etapa do processo educativo, com ênfase na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Martins; Albres; Sousa, 2015; Lodi; Albuquerque, 2016; Turetta; Lacerda, 2018; Almeida; Martins, 2019; Cappellini, 2019; Pinto; Santos, 2020).

O profissional responsável por apresentar a Libras à criança surda, conforme orientação legal, é o professor ou instrutor de Libras. De acordo com o capítulo III do Decreto 5.626, sobre a formação deste profissional,

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngue, referida no **caput**.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - Cursos de educação profissional;

II - Cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

III - Cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação (Brasil, 2005, página eletrônica).

Observa-se que a legislação estabelece como prioridade a presença de pessoas surdas no exercício dessa função. Levando em conta a responsabilidade desse profissional no contexto educacional – especialmente no que diz respeito à promoção da aquisição da linguagem pelas crianças surdas –, bem como a frequente ausência de profissionais surdos no corpo docente das escolas regulares, este estudo adotará a nomenclatura Professor Surdo para se referir a esse agente educativo. Essa designação evidencia tanto seu papel docente quanto a importância de promover a inclusão de pessoas surdas no mercado de trabalho. Ademais, esse profissional constitui uma referência linguística e identitária fundamental para as crianças surdas.

Ao realizar uma busca por pesquisas recentes sobre a atuação de professores e/ou instrutores surdos no Portal de Periódicos da Capes, abrangendo o período de 2015 a 2025, em contextos nacional e internacional, utilizando como descritor o termo “professor surdo”, foram encontrados apenas nove artigos. Destes, um foi identificado como duplicado, um abordava o ensino de Libras para alunos ouvintes, outro tratava do ensino de Libras no Ensino Superior, e um quarto enfocava a formação de professor surdo sob uma perspectiva clínica com conceitos divergentes daqueles adotados neste estudo – esses quatro artigos foram excluídos. Após a identificação das temáticas, procedeu-se à leitura dos cinco textos restantes, que serão brevemente analisados a seguir.

Nogueira e Cabello (2017) discutem a atuação de um professor surdo no ensino bilíngue de Língua Portuguesa para crianças, com apoio tecnológico. Lage e Kelman (2019) apresentam uma abordagem histórica sobre professores surdos no século XIX, sem dados atuais, apenas reflexões. Santos, Oliveira e Maia (2023) exploram as transformações na identidade profissional do professor surdo, sem foco direto no ensino da Libras. Bastos, Silva e Dantas (2022) relatam um estudo de caso sobre um curso de robótica para surdos ministrado em colaboração entre professor surdo, ouvinte e intérprete, destacando a importância do planejamento e da formação conjunta. Freitas e Araújo (2019)

são os únicos que abordam a presença do professor surdo na Educação Básica, porém como algo pouco comum e restrito ao Atendimento Educacional Especializado, enfatizando seu papel como modelo linguístico, mas sem dados sobre o ensino da Libras para crianças surdas.

Ao ampliar a busca para “instrutor surdo”, encontraram-se igualmente poucas pesquisas, que discutem principalmente materiais didáticos e a relação entre formação e mercado de trabalho, sem aprofundar práticas pedagógicas. Rocha e Nascimento (2019) defendem a presença desses profissionais na educação, mas sem analisar o ensino em sala de aula. Conclui-se, assim, que não há uma discussão consolidada sobre o ensino da Libras por professores surdos na Educação Básica, possivelmente devido à escassez de pesquisas e à baixa presença desses profissionais nas escolas, o que representa um desafio diante da demanda por uma educação bilíngue para surdos.

Observa-se, também, uma escassez de estudos e registros sistematizados acerca do que se ensina e de como se ensina a Libras a crianças surdas no contexto escolar. Algumas iniciativas têm surgido nos últimos anos, como o Currículo de Língua Brasileira de Sinais (Libras) (São Paulo [SME-SP], 2019) e o Currículo da Língua Brasileira de Sinais - Libras: componente curricular como primeira língua (Mertzani; Terra; Duarte, 2020), apresentado no ano de 2020 pelo Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul (RS); porém, trata-se de propostas pontuais e que não abrangem a realidade da maioria dos municípios brasileiros.

Não há, portanto, até o presente momento, um currículo voltado para o ensino da Libras, o que pode induzir os professores surdos a atuarem de maneira mais “instintiva”, de acordo com suas vivências, mas sem um respaldo adequado sobre conteúdos e formas de ensino para cada faixa etária.

Gianini (2012) evidencia a ausência de um currículo padrão para o ensino de Libras nas escolas, fato que provoca insegurança e incerteza na formação de professores surdos. Embora cite algumas iniciativas, observa que estas são pontuais e restritas a contextos específicos. De modo complementar, Albres (2014) investigou a trajetória da formação inicial de professores de Libras, identificando, em cursos ainda incipientes na época, diversas falhas que resultam em docentes surdos pouco reflexivos sobre sua prática, independentemente da etapa educacional em que atuem. A autora destaca dificuldades na conversão do conhecimento em saber escolar, especialmente na elaboração de currículos e programas de Libras, apontando a necessidade de estudos que abordem o ensino da Libras sob perspectivas sociológicas, ideológicas, psicológicas e pedagógicas. Além disso, ressalta a carência de trabalhos que considerem o campo ideológico dos professores em formação, incluindo suas crenças, valores e subjetividade. Diante dessas limitações, Albres enfatiza a importância da oferta de formação continuada para suprir as lacunas deixadas pelos primeiros cursos.

Compreende-se, assim, a carência de pesquisas e discussões aprofundadas sobre os conteúdos de Libras ensinados na escola, sobre as práticas pedagógicas e o que se espera que a criança aprenda em cada etapa. Assim, faz-se necessário pesquisar e criar modos de avaliar o uso da Libras no espaço escolar, pois, dessa forma, pode-se discutir com dados empíricos um currículo adequado e assegurar um ensino de Libras pautado nas necessidades de aprendizado dos alunos surdos.

Além disso, na investigação realizada, foram localizadas pesquisas brasileiras que indicam instrumentos que avaliam a Libras; dentre as quais algumas serão a seguir abordadas.

Capovilla *et al.* (2004) trata em seu estudo sobre a necessidade de instrumentos que avaliem o desenvolvimento linguístico da população escolar surda; o teste proposto pelos pesquisadores,

intitulado *Teste de vocabulário receptivo de sinais da Libras (TVRSL1)*, avalia a compreensão de sinais da Libras, e abarcou estudantes de 6 a 41 anos e todas as etapas educacionais. O teste está voltado para a compreensão de sinais e os relaciona a palavras do português escrito, e menos às questões de desenvolvimento de linguagem em Libras – a língua em uso. Já a pesquisa desenvolvida por Quadros e Cruz (2011) apresenta diversas práticas de intervenção na produção e compreensão da Libras a partir de imagens, jogos, vídeos e relatos, e têm como objetivo prioritário o desenvolvimento de vocabulário, mas pouco se discutem as questões relacionadas ao uso da Libras.

Nota-se assim que, embora os testes se mostrem uma iniciativa importante para a avaliação da língua de sinais, não se abordam questões que se fazem presentes na escola, como a compreensão da língua em uso (e não de sinais isolados ou vocabulário), bem como a expressão da Libras, aspectos de extrema relevância.

Nesse sentido, algumas pesquisas recentes apontam para a necessidade de aprofundamento e uso de instrumentos desse tipo nas escolas, visando auxiliar não apenas o desenvolvimento das crianças surdas, mas uma melhor preparação de profissionais que atuam junto a elas, tais como professores bilíngues e professores surdos.

O Instrumento de Avaliação de Narrativa – NarVal produção em Libras (Montes; Lacerda, 2022) foi adaptado para uso no Brasil a partir do instrumento de avaliação da produção em língua de sinais, produzido por Jarque *et al.* (2018). O instrumento tem como proposta ao participante que “leia” um livro, composto apenas por imagens, e que em seguida narre a história lida em língua de sinais; essa narrativa é videogravada para posteriormente ser analisada com base em uma rubrica, elaborada pelos pesquisadores. Essa rubrica, elaborada visando possibilitar a análise da qualidade da língua de sinais utilizada pelos alunos surdos, é expressa por meio da narrativa/língua em uso, e não apenas considera o léxico da língua. Os parâmetros a serem analisados são bastante detalhados, abrangendo as seguintes dimensões: estrutura textual, fluxo da informação e estrutura da sentença, vocabulário, predicados verbais, gestualidade, articulação e prosódia. Essas dimensões ainda apresentam diferentes níveis e indicadores, que abarcam o contexto amplo presente em narrativas.

Abre-se aqui um parêntese para destacar a relevância da narrativa no desenvolvimento infantil, especialmente como fundamento para a justificativa do instrumento adotado nesta pesquisa. O desenvolvimento da linguagem de crianças, sejam ouvintes ou surdas, é fortemente favorecido pelas interações narrativas estabelecidas em contextos familiares e educativos. Por meio da percepção e da produção de narrativas, a criança amplia seu vocabulário e adquire estruturas linguísticas fundamentais para expressar relações temporais e espaciais. Nesse processo, o interlocutor adulto exerce papel central ao possibilitar, por meio da interação, que a criança se posicione discursivamente como narradora. Momentos de contação de histórias e relatos de atividades cotidianas são cruciais para o desenvolvimento discursivo infantil (Perroni, 1992; Montes; Santos, 2021).

Diante do potencial desse instrumento, que visa não apenas a identificação/avaliação da produção narrativa em Libras, mas também dar indícios a educadores das habilidades linguísticas e de desenvolvimento de crianças surdas, possibilitando intervenções pontuais, acredita-se em seu potencial também para a formação de professores surdos, que atuem diretamente no ensino da Libras. Haja vista que estes profissionais – os professores surdos – estão em contato cotidiano com as crianças surdas e observam seu desenvolvimento, mas, muitas vezes, não dispõem de formação ou currículo adequado

para o ensino da Libras aprofundado, a ideia de propor encontros de formação continuada fazendo uso de tal instrumento mostrou-se interessante, produtiva e colaborativa para as ações que eles desenvolvem em sala de aula.

Acredita-se, com embasamento em algumas pesquisas já realizadas no campo da educação de surdos (Santos, 2007; Santos, 2014; Lacerda; Santos; Martins, 2016), que a formação continuada e o acompanhamento de ações junto à escola são práticas adequadas e que trazem resultados positivos. Por se tratar de um campo de saber e de uma profissão relativamente recente, acompanhar as práticas – os profissionais – e auxiliá-los a intervir, quando elas estão em curso, pode colaborar para o desenvolvimento e melhor desempenho dos profissionais em sala de aula, e conseqüentemente dos alunos surdos. Esse é um desafio posto e que instigou o desejo por esta pesquisa.

Diante do exposto, o presente estudo objetivou – a partir da oferta de um curso de formação continuada para professores surdos em atuação em escolas públicas com atendimento bilíngüe para surdos, no estado de São Paulo e no estado do Rio Grande do Sul, utilizando o Instrumento de Avaliação de Narrativa – NarVal produção em Libras (Montes; Lacerda, 2022), apresentar, analisar e discutir práticas de professores surdos, para posteriormente avaliar e analisar os processos formativos desses profissionais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos deste estudo compreenderam: a oferta de um curso de extensão *online* voltado à formação continuada de professores surdos atuantes nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul; a realização de duas entrevistas coletivas – uma no início e outra ao final do curso –, com o objetivo de captar percepções e experiências dos participantes; e o registro sistemático dos encontros e entrevistas para posterior análise qualitativa¹. Os participantes foram contatados por intermédio de vínculos previamente estabelecidos, considerando a atuação e experiência das pesquisadoras junto a diversas escolas. Enviou-se convite formal às escolas e aos professores surdos. Os critérios de inclusão foram: ser surdo, usuário fluente de Libras e atuar no ensino da Libras na Educação Básica.

Para ampliar o alcance, o curso foi divulgado nas redes sociais por meio de um vídeo em Libras, com resumo da proposta e convite à participação. Os interessados poderiam contatar a pesquisadora e, em caso de aceite, eram direcionados a um formulário no *Google Forms* com os detalhes da pesquisa em Libras e português, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Apesar da divulgação e do contato com escolas de diversos municípios, apenas 14 pessoas demonstraram interesse. Dentre elas, cinco atuavam em associações de surdos ou instituições voltadas à comunidade surda. Para viabilizar o curso, ampliaram-se os critérios de inclusão, permitindo a participação de profissionais que, embora não vinculados a escolas, atuassem no ensino de Libras para crianças e jovens surdos, mantendo o foco da formação.

Após o aceite, os participantes preencheram um formulário em Libras e português para identificação de seus perfis. O curso contou com a participação efetiva de 10 indivíduos, dos quais 8

¹ A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) por meio da Plataforma Brasil, antes do início de sua execução, obtendo parecer favorável (CAAE 78102924.4.0000.5504). Sua realização foi iniciada apenas após a aprovação ética, com parecer favorável, bem como após a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes.

concluíram integralmente as atividades. Todos os encontros foram conduzidos pela primeira autora² deste estudo em Libras, a língua de conforto dos participantes. O curso foi gratuito. Utilizou-se o *Google Classroom* para o ambiente virtual e o *Google Meet* para os encontros síncronos. A carga horária foi de 40 horas, com 32,5h em encontros semanais síncronos (13 encontros de 2,5h) e 7,5h em atividades assíncronas.

A proposta do curso centrou-se em discutir aspectos do Instrumento de Avaliação de Narrativa – NarVal produção em Libras (Montes, 2023). Como o instrumento é extenso, selecionaram-se quatro aspectos tidos por relevantes pelos próprios participantes nos primeiros encontros: estrutura textual; enredo e episódios; vocabulário; gestualidade. A programação foi construída com base nas necessidades indicadas pelo grupo. As atividades, a partir de vídeos e discussões, promoveram o ensino de cada aspecto selecionado.

As entrevistas coletivas tiveram como objetivo conhecer as práticas de ensino dos participantes e suas principais necessidades formativas. Ao final do curso, realizou-se nova entrevista para verificar os conhecimentos adquiridos e possíveis transformações nas práticas pedagógicas.

As reuniões e entrevistas foram videogravadas, registrando interações naturais relevantes para a pesquisa. Garcez, Duarte e Eisenberg (2011) destacam o potencial metodológico dos registros audiovisuais em estudos que demandam captura de expressões faciais, corporais e dinâmicas de grupo – como é o caso da Libras. Os registros foram armazenados em *Drive* pessoal da pesquisadora, sem acesso de terceiros.

Após a coleta, trechos de interesse – ações, diálogos ou cenas – foram selecionados para análise. Segundo Góes (2000), a videodocumentação permite ênfase aos detalhes dos acontecimentos interativos e diálogos. A seleção baseou-se na relação direta com os objetivos da pesquisa.

As análises foram fundamentadas em Vigotski (2007; 2008), sobre desenvolvimento da linguagem, e Bakhtin (2009), sobre aspectos linguísticos das narrativas. Também embasam a pesquisa autores da área da educação de surdos e desenvolvimento infantil, já referidos anteriormente.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Formação, conhecimentos e ensino da Libras

Os participantes, em sua maioria, possuíam formação em nível superior e, em alguma medida, tiveram acesso aos estudos da Libras; ao menos cinco deles haviam tido formação específica na área, em Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue. Aqueles que não detinham formação específica ou aprofundada, e atuavam no ensino da Libras, possivelmente construíram seus conhecimentos na prática e nas relações de ensino. Quando questionados sobre os conhecimentos da Libras e sobre o objetivo de seu ensino nas instituições educacionais, notaram-se algumas tensões que merecem ser discutidas.

Sobre o aprendizado aprofundado da Libras, na graduação ou em outros contextos:

² A primeira autora é fluente em Libras e profissional tradutora e intérprete de Libras, portanto com competência para conduzir os encontros.

No Letras-Libras a gente têm Libras aprofundado, acho que são 360 horas de disciplina, aprendemos *signwriting*, gramática e outras coisas.... (Maíra).
Não aprendemos com aprofundamento, é mais ou menos... (Fabrício).
Sim, aprendemos sinais relacionados a diferentes áreas, Matemática, Ciências, Biologia e outros (Ariela).

Sobre a Libras como objeto de ensino:

É importante, lógico! Para aprender os conteúdos de Ciências, Geografia, Matemática... (Maíra).
Sim, a Libras tem que ser ensinada nas escolas, é importante para aprender o português, as palavras, ler e escrever. Por isso sempre ensino o sinal e a palavra juntos (Daniela).

Notou-se ainda, em outros momentos e discursos, que todos os professores haviam tido acesso tardio à Libras, alguns deles a tendo aprendido somente na vida adulta, por meio de contato com outros surdos mais experientes na língua. Relataram, mesmo aqueles que cursaram graduação em Letras-Libras, ter pouco aprofundamento nas questões de linguística, gramática e de funcionamento da Libras – fato que impacta em suas práticas de ensino atuais, segundo os participantes.

Sobre os conteúdos que ensinavam e como os preparavam, parece haver uma organização flexível; um dos relatos trouxe a informação de que escolhiam as atividades conforme o que as crianças solicitavam, variando entre jogos, livros e outras atividades; outros, que ensinavam os conteúdos que a escola solicitava, por meio de professores ou coordenadores. Um dos relatos, porém, chamou a atenção, por ter concordância de pelo menos metade do grupo; um dos participantes relatou que costumava ensinar listas de sinais por categoria, como animais, cores e outros, sempre fazendo uso de imagens para as crianças acompanharem.

Os relatos evidenciam que, apesar da formação docente, há uma reflexão limitada acerca da própria língua e dos conteúdos considerados essenciais para o processo de ensino. Ao apontarem que o aprofundamento ocorre ao longo de 360 horas de formação, abrangendo temas diversos como gramática, *signwriting* e outros conteúdos, torna-se evidente a limitação do conhecimento sobre a própria língua por parte dos profissionais.

Observa-se que a ausência de um currículo específico do ensino de Libras nas escolas impacta diretamente na seleção dos conteúdos, que ocorre de forma vinculada a uma visão dicionarizada de língua, restrita aos aspectos de vocabulário, com centralidade na tradução sinal-palavra, da Libras para o Português e vice-versa. Tais práticas de ensino dificultam a construção de um trabalho contínuo e sistemático, capaz de ampliar e aprofundar os conhecimentos linguísticos ao longo do percurso escolar – mantendo-se, assim, no campo da informalidade. Essa situação é preocupante, uma vez que a Libras ainda luta por reconhecimento e *status* social, e essa abordagem pode reforçar a ideia de que é possível ensiná-la de maneira improvisada, a partir apenas de conversas informais ou listas de palavras.

Santos *et al.* (2016) apontam que é comum professores surdos reproduzirem as práticas às quais foram submetidos em seus próprios processos educacionais, pois os consideram como modelos. Os autores já destacavam situações como essa em um período em que os cursos voltados à educação de surdos – como os cursos de Letras-Libras – ainda estavam em estágio inicial. Todavia, observa-se que, ainda nos dias atuais, tais práticas continuam a se repetir, o que indica que os cursos de formação inicial

têm promovido poucos avanços na formação de professores surdos e, portanto, merecem ser revistos. Nos demais relatos, a Libras aparece como um instrumento para o ensino de algum outro conteúdo, com caráter de ser o caminho para se aprender as disciplinas e a língua majoritária da sociedade. A partir desses relatos foi possível perceber a necessidade de discussões mais aprofundadas sobre o conceito de língua e sua função, bem como o conceito de sujeito/indivíduo surdo, junto a esse grupo de professores.

Tanto Vigotski (2008) quanto Bakhtin (2009) compreendem o indivíduo como resultado de suas relações sociais, desenvolvendo-se e aprendendo por meio da apropriação de conhecimentos, à medida que entra em contato com a cultura e se beneficia da mediação de outros sujeitos. Esses vínculos sociais possibilitam, por meio das interações entre os indivíduos, a construção de significados e sentidos atribuídos às experiências e aos aprendizados (Vigotski, 2007; 2008). No que tange à significação, Bakhtin (2009) argumenta que, nesse processo interativo, o sujeito adquire também a consciência de si, tornando-se capaz de interpretar sua realidade interna.

Dessa forma, evidencia-se a centralidade da língua na constituição do sujeito, uma vez que ela impulsiona os processos internos de significação e possibilita a mediação do conhecimento e a interação com o mundo. Assim, não se deve reduzir a língua a um mero instrumento de aprendizagem, mas compreendê-la como o meio por excelência pelo qual o sujeito desenvolve sua consciência, pensamento e identidade. No caso das pessoas surdas, essa língua deve ser a Libras, por se tratar de uma língua visoespacial, plenamente acessível e fundamental para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem.

A formação e o uso do instrumento NarVal

Ao final da formação, durante os diálogos na entrevista coletiva final, os participantes puderam expor suas opiniões sobre os conhecimentos que circularam nesse espaço.

No momento que eu comecei a estudar sobre o professor/instrutor surdo, eu achei legal, ok. Mas, no momento da prática, que os pontos convergiam, os temas sobre os diferentes níveis dos alunos, isso transformou minha prática, adquiri muito conhecimento. Mas eu trabalho sozinho, sem ajuda... aqui, com o **grupo**, as discussões, as reflexões, me ajudaram muito! (Maíra).

O destaque no relato de Maíra foi enfatizado por ela durante o momento de diálogo; observou-se que as trocas entre profissionais que atuam na mesma área, ainda que em diferentes contextos, proporcionaram contribuições valiosas para todos. Trata-se de espaços pouco comuns, porquanto pouquíssimas escolas contam com professores surdos em seu quadro, e, quando há, geralmente são apenas um ou dois, o que dificulta a troca de conhecimentos, momentos formativos e a colaboração mútua.

Após essa exposição da participante, outros questionaram se haveria a oferta de um curso semelhante no próximo ano, pois, para eles, esses momentos de encontro e orientação foram relevantes para refletirem sobre suas próprias práticas.

Lomba e Faria Filho (2022) apresentam uma entrevista com Antonio Nóvoa que discute a formação de professores na contemporaneidade. Embora não se trate de um tema inédito, ainda há

amplos aspectos a serem debatidos, especialmente no que diz respeito à evolução dos processos formativos – tanto iniciais quanto continuados – com vistas à qualificação do trabalho docente desenvolvido nas instituições escolares. Sobre o autoconhecimento dos professores, a entrevista traz o seguinte aspecto:

Nesse sentido, conhecer-se a si próprio é da maior relevância, um conhecimento que deve ser compartilhado com os outros. No passado, os professores trabalhavam muito isolados, por vezes em territórios distantes e afastados. Hoje, precisamos do apoio dos outros colegas, de nos inserirmos num coletivo docente. O autoconhecimento faz parte do nosso conhecimento como pessoas e do nosso conhecimento profissional (Lomba; Faria Filho, 2022, p. 5).

No que tange especificamente à formação de professores surdos, é importante destacar que se trata de uma profissão relativamente recente, ainda marcada por baixo reconhecimento social. O trecho citado – “no passado, os professores trabalhavam isolados” – remete a uma realidade ainda bastante presente para os docentes surdos, justamente em virtude da “novidade” da profissão. Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de apoio coletivo, como enfatizado pelos autores. Apenas por meio da construção colaborativa é possível promover avanços tanto no campo do conhecimento quanto no autoconhecimento, fomentando a reflexão crítica e contribuindo para uma prática pedagógica mais segura e objetiva.

Já sobre os temas abordados e o uso do instrumento NarVal ao longo do curso, pode-se observar o seguinte relato:

Uma dica que você deu aqui foi sobre o **vídeo**. Eu uso tecnologia antiga, mas aí eu tentei o vídeo, meus alunos amaram! A partir do ano que vem vou me organizar para filmar os alunos, eles gostaram muito! **Vou aproveitar para filmar no começo e no final e poder comparar**. Isso é muito importante e é um desafio. Também gostei das **dicas de como planejar a aula, mudar o método de ensino**, agradeço muito (Maíra, grifos nossos).

Apesar de, nos últimos anos, a comunidade surda ter utilizado as redes sociais e os vídeos como forma de registro e expressão de sua língua, esse recurso parece ainda não ter sido plenamente incorporado ao contexto escolar, o qual permanece pautado em métodos tradicionais – mesmo considerando a natureza visual da Libras e a existência de materiais e estudos que reforçam essa característica.

Alguns participantes relataram nunca ter utilizado vídeos com seus alunos, seja pela ausência de recursos tecnológicos nas instituições, seja pela falta de reconhecimento do celular como uma alternativa viável para o registro das produções dos estudantes. Nesse sentido, os conhecimentos adquiridos ao longo do curso – pelo uso do NarVal – provocaram deslocamentos significativos nos participantes, tanto em relação à forma de conceber o processo de ensino-aprendizagem quanto em relação às práticas pedagógicas em sala de aula. Tais mudanças contribuíram para o cotidiano profissional, promovendo a revisão de práticas antigas e tradicionalmente adotadas.

Ressalta-se que, atualmente, têm-se intensificado as discussões acerca da necessidade de formas diferenciadas de registro para as produções de pessoas surdas, tendo em vista que sua língua é visogestual. Nesse sentido, propõe-se o abandono da perspectiva escritocêntrica, tradicionalmente centrada na linguagem verbal escrita, e a adoção da noção de textualidade diferida como uma alternativa promissora para a valorização e expressão das produções discursivas de sujeitos surdos (Crespi, 2024).

Atualmente, outras tecnologias vêm sendo desenvolvidas, além da escrita, que têm a propriedade de produzir textos permanentes e objetivados e que, portanto, permitem que sejam diferidos e arquivados. Trata-se das gravações audiovisuais. O desenvolvimento dessas tecnologias atuais desafia a ideia histórica de que a única maneira de ter um texto permanente (como diziam em latim: *verba volant, scripta manent*) é exclusivamente por meio da escrita.

[...] Representação e registro atingem o mesmo objetivo: fixar o texto e, portanto, gerar textualidade diferida. São fortemente diferenciadas na forma como o fazem e nas conseqüências que isso tem no processamento da linguagem e na amplificação das funções metalingüísticas e metacognitivas. O fato de ser uma ferramenta que registra os enunciados da língua, mas não os representa, produz relações diferentes entre os falantes e o texto diferido e com a própria língua, daquelas que ocorrem com o uso de sistemas de escrita. Nos videoregistros, a língua não é representada por meio de unidades de outra natureza (grafemas, como no caso da escrita), mas sim o falante registrado/gravado no ato de dizer. Por isso, diante de um texto escrito, o leitor deve realizar determinados processos cognitivos para decodificá-lo. Da mesma forma, uma vez que as unidades da língua estão representadas, o processamento do texto escrito se dará no mais alto nível metalingüístico (Crespi, 2024, p. 210).

Compreende-se, portanto, a importância de se promoverem discussões, no âmbito da formação de pessoas surdas e das práticas pedagógicas voltadas a esse público, acerca de formas alternativas de registro e avaliação. Tais práticas devem assegurar que a informação seja transmitida de maneira visual, sem a mediação da língua majoritária escrita, de modo a garantir que os processos comunicativos e avaliativos ocorram exclusivamente por meio da língua de sinais. Nesse sentido, o NarVal demonstrou ser um instrumento potente para a reflexão sobre a própria língua, bem como sobre as formas de o professor acompanhar os processos de desenvolvimento linguístico de seus estudantes surdos.

Outro aspecto relevante centra-se no fato de que alguns participantes, ao longo do curso, relataram não realizar planejamento de suas ações pedagógicas, determinando os conteúdos a serem ministrados no momento das aulas, ou a partir de demandas de outros profissionais de áreas específicas (professor de Ciências, Geografia e outros). O relato demonstra, também, a compreensão da importância do planejamento, da determinação de objetivos claros para o ensino e das estratégias de ensino. Esse fator, ao que os relatos indicam, também parece frágil na formação inicial dos professores.

Por fim, ao serem novamente questionados sobre a Libras como objeto de ensino nas escolas, um dos relatos evidencia uma mudança na concepção de língua:

O valor principal da Libras é a comunicação humana, entre as pessoas, não importa de onde sejam, de outros Estados ou lugares. Com a Libras podemos ir a qualquer lugar, ao banco, na rua, num atendimento. Com ela é possível aprender música, poesia, se expressar com outras pessoas. É nossa primeira língua e deve ser valorizada (Fernando).

Esse relato evidencia que o curso foi significativo para os participantes, suscitando reflexões profundas sobre a língua, a construção identitária, o valor da Libras para os docentes surdos e sua constituição enquanto sujeitos – conforme proposto por Vigotski (2008). Ainda que de forma incipiente, haja vista tratar-se de um estudo de caso, observa-se que, para esse grupo de professores, a reflexão coletiva possibilitou deslocamentos de concepções e perspectivas, o que pode resultar em mudanças e potentes impactos em suas práticas pedagógicas. Dessa forma, conclui-se que a pesquisa alcançou os objetivos propostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo de caso proposto, observou-se que, embora a maioria dos participantes possuíse formação acadêmica inicial, esta tem se mostrado insuficiente ante as demandas da prática educacional. Considerando que se trata de professores surdos, cujo objetivo profissional é o ensino da Libras, espera-se que sua formação inicial contemple, de forma aprofundada, não apenas aspectos linguísticos, mas também didáticos e pedagógicos, voltados especificamente ao atendimento de seu público-alvo: estudantes surdos. A pesquisa, contudo, revelou que os participantes demonstraram conhecimentos limitados sobre quais aspectos da língua são mais relevantes para o desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças e jovens surdos, tanto na formação inicial quanto em sua prática cotidiana.

Conforme os dados apresentados, a Libras aparece, em muitos casos, como um instrumento para o ensino de outros conteúdos, sendo concebida como meio para a aprendizagem de disciplinas curriculares e da língua majoritária da sociedade. Mesmo o conceito de língua e sua função se apresentaram, inicialmente, de forma equivocada. Diante disso, questiona-se: como esses profissionais podem ensinar sua própria língua se não há uma base sólida de reflexão metalinguística?

Os objetivos científicos do estudo envolveram o aprofundamento dos conhecimentos sobre produções narrativas em língua de sinais e aspectos linguísticos da Libras. Embora o curso de formação continuada tenha alcançado os objetivos propostos, diante do caráter ainda incipiente dos conhecimentos metalinguísticos dos participantes, e da compreensão da relevância das narrativas no desenvolvimento cognitivo de crianças surdas, tornou-se necessário delimitar o escopo do conteúdo abordado. Ressalta-se que são professores capacitados e com conhecimento linguístico e de ensino da língua, mas ainda em estágio inicial ou pouco desenvolvido na habilidade de refletir sobre a linguagem em si. Assim, optou-se por abordar apenas alguns aspectos introdutórios, com o intuito de despertar nos participantes o interesse por novos conhecimentos, práticas e desafios relacionados ao ensino de estudantes surdos.

Nesse processo, evidenciou-se a necessidade urgente de discussões mais aprofundadas nos cursos de formação inicial de professores surdos – em especial na Licenciatura em Letras-Libras e na Pedagogia Bilíngue – sobre a apropriação da própria língua e, principalmente, sobre o que e como ensiná-la. Para isso, é fundamental analisar os recursos tecnológicos disponíveis atualmente, bem como a natureza visual da Libras, propondo estratégias e atividades que incorporem a textualidade diferida. O tema do registro de ações pedagógicas em vídeo suscitou debates e reflexões relevantes; contudo, as formas de utilização desse recurso também devem ser objeto de estudo nos cursos de formação, de modo a garantir seu uso adequado no cotidiano escolar, com objetivos pedagógicos bem definidos para o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos.

Outro aspecto que merece destaque é a urgência na elaboração de um currículo de Libras voltado para o contexto escolar. Considerando que a língua é base para o desenvolvimento e para a aquisição de qualquer conhecimento, discutir seu ensino de forma sistematizada é essencial, sobretudo para garantir a coerência do trabalho pedagógico realizado por professores surdos. Se a Libras está prevista nas propostas de educação bilíngue – entendida aqui como educação em Libras, na qual ela é a língua de instrução –, sua inserção curricular traria não apenas resultados positivos para o processo de

ensino-aprendizagem, mas também maior reconhecimento social e institucional, promovendo a garantia dos direitos linguísticos dos estudantes surdos.

Se, conforme estabelece a legislação vigente (Brasil, 2021), a Libras deve ser ensinada desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, é imprescindível discutir quais competências devem ser desenvolvidas, quais conteúdos devem ser ensinados e como promover a compreensão e a produção em língua de sinais. Para isso, é necessária a construção de um currículo próprio, alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas não meramente adaptado a partir da Língua Portuguesa ou de outras línguas orais. Esse currículo deve considerar as especificidades da Libras e propor metodologias de ensino e avaliação coerentes com sua natureza visogestual. Dessa maneira, o Instrumento de Avaliação de Narrativas em Libras – NarVal pode ser um ponto de partida relevante para esse debate, dado o seu escopo abrangente e os aspectos linguísticos que contempla.

Quanto ao uso do NarVal na formação de professores surdos, diversos pontos importantes foram destacados ao longo do estudo. O instrumento revelou-se eficaz como ponto de partida para reflexões sobre o uso e funcionamento da língua de sinais, seus elementos linguísticos e como esses elementos podem ser ensinados. Tal resultado já representa um avanço expressivo, uma vez que os participantes atuavam em escolas e associações de surdos, configurando-se como agentes multiplicadores do conhecimento linguístico. O NarVal também permitiu discutir a importância do uso de vídeos para o registro do desenvolvimento narrativo dos estudantes – não com a finalidade de avaliar os alunos, mas de fornecer aos professores subsídios para identificar lacunas na aprendizagem e orientar a elaboração de conteúdos a serem ensinados.

Nesse sentido, o NarVal mostrou-se um instrumento valioso para o planejamento de ações pedagógicas. Ressalta-se, no entanto, que o impacto não se deu apenas pelo uso do instrumento em si, mas, principalmente, pela forma como foi apresentado, discutido e aplicado no contexto da formação, resultando em deslocamentos significativos na prática docente. Para seu uso futuro, destaca-se a necessidade de simplificação de sua apresentação, de modo a torná-lo mais acessível para aplicação no cotidiano escolar. Apesar de já existir uma versão traduzida para Libras, conforme indicam os resultados do estudo, ainda é necessário que os professores surdos aprofundem seus conhecimentos sobre sua própria língua – uma meta que, como a pesquisa demonstrou, ainda não foi plenamente alcançada.

Longe de encerrar as discussões sobre a temática proposta, este estudo é concluído com mais questionamentos do que respostas, e com o desejo de dar continuidade às reflexões acerca da formação do professor surdo – sujeito de extrema relevância nas práticas educacionais bilíngues, mas ainda pouco valorizado no contexto educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. *Relações dialógicas entre professores surdos sobre o ensino de Libras*. Tese (Doutorado em Educação Especial). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014.

ALMEIDA, Júlia Caroline de Araújo; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. Heterotopia pedagógica como lugar de aparição das singularidades surdas na educação. *ETD - Educação Temática Digital*, v, 21, n. 3, p. 695-717, 2019. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i3.8652122>.

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BASTOS, Amelia Rota Borges de; SILVA, Cássia Michele Virginio da; DANTAS, Lucas Maia. Experiência colaborativa entre professor surdo, intérprete e professor ouvinte no planejamento de um curso de robótica para estudantes surdos. *Revista Actio: Docência em Ciências*, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/15273>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BRASIL. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2005.
- BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 07 de janeiro de 2008*. Brasília: Ministério da Educação/SEESP, 2008.
- BRASIL. Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2021.
- CAPOVILLA, Fernando Cesar *et al.* Avaliando compreensão de sinais da Libras em escolares surdos do ensino fundamental. *Interação em Psicologia*, Curitiba, dez. 2004. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3252>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- CAPPELLINI, Michele Toso. *Familiares ouvintes de sujeitos surdos: reflexões sobre suas interações comunicativas*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). São Carlos: Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, 2019.
- CRESPI, Leonardo Peluso. Os surdos, suas línguas e sua textualidade diferida. Tradução de R. L. Mothcy, S. F. dos Santos e S. M. dos Santos. *Tradução em Revista*, n. 36, 2024. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=66980&numfas=175&nrsqcon=66943&NrSecao=175. Acesso em: 11 jun. 2025.
- FREITAS, Marcos Cezar de; ARAÚJO, Nina Rosa Silva de. Relato de experiência com crianças surdas na escola pública: a importância estratégica da Língua de Sinais. *Horizontes*, v. 37, e019016, 2019. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v37i0.662>.
- GARCEZ, Andrea; DUARTE, Rosalia; EISENBERG, Zena. Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 249-262, 2011.
- GIANINI, Eleny. *A formação de professores surdos de LIBRAS: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação*. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, v. 20, n. 50, p. 9-25, abr. 2000.

JARQUE, Maria Josep.; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GRÀCIA, Marta. G.; CED ILLO, Pepita.; SERRANO, Mari. *L'avaluació de la producció de textos narratius en llengua de signes catalana (LSC)* [Apresentação de artigo]. VII Seminario de la Llengua de Signes Catalana, Barcelona, Espanha. 2018. <https://serveiseducatius.xtec.cat/creda-mvo/wp-content/uploads/usu735/2018/05/PROGRAMA-VII-SEMINARI-LSC.pdf>
» <https://serveiseducatius.xtec.cat/creda-mvo/wp-content/uploads/usu735/2018/05/PROGRAMA-VII-SEMINARI-LSC.pdf>.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. *Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016.

LAGE, Aline Lima da Silveira; KELMAN, Celeste Azulay. Educação de surdos pelo professor surdo, Ferdinand Berthier: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, e050, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/42997>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LODI, Ana Cláudia Balieiro; ALBUQUERQUE, Grazielle Kathleen Tavares Santana de. Sala Libras língua de instrução: inclusão ou exclusão educacional/social? In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira (Org.). *Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p. 45-61.

LODI, Ana Cláudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

LOMBA, Maria Lúcia Resende; FARIA FILHO, Luciano Mendes. Os professores e sua formação profissional: entrevista com António Nóvoa. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 38, e88222, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/88222>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MARTINS Vanessa Regina de Oliveira; ALBRES, Neiva de Aquino; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. Contribuições da Educação Infantil e do brincar na aquisição de linguagem por crianças surdas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 103-124, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000300103&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2020.

MERTZANI, Maria; TERRA, Cristiane Lima; DUARTE, Maria Auxiliadora Terra. *Currículo da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: componente curricular como primeira língua*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2020. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov>. ISBN 978-85-7566-605-0. Acesso em: 11 jun. 2025.

MONTES, Aline Lucia Baggio. *Instrumento de avaliação de texto narrativo em língua de sinais: uma versão para o uso no ambiente escolar*. Tese (Doutorado em Educação Especial). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/10950fe1-f38e-43f8-be1b-5f5107c7b8fd/content>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MONTES, Aline Lucia Baggio; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Versión ilustrada del Instrumento de Evaluación de narraciones en lengua de signos: adaptación para el uso em el contexto escolar brasileño. In: X INTERNATIONAL CONGRESS OF LANGUAGE ACQUISITION. 2022, Girona. Anais. Girona, Espanha, 2022.

MONTES, Aline Lucia Baggio; SANTOS, Lara Ferreira dos. Como os adultos surdos contam histórias? Análises de narrativas. *Letras & letras (UFU)*, v. 37, p. 47-63, 2021.

MORAIS, Mariana Peres de. *Trajetórias de resistência em escolas municipais com propostas de educação bilíngue para surdos*. Dissertação (mestrado). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2018.

MOURA, Maria Cecília de. A escola bilíngue para surdos: uma realidade possível. In: SÁ, Nídia R. L. de (Org.). *Surdos: qual escola?* Manaus: Editora Valer e Edua, 2011, p. 155-168.

MOURA, Maria Cecília de. Surdez e linguagem. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (Org.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EDUFSCar, 2014, p. 13-26.

NOGUEIRA, Aryane; CABELLO, Janaína. Considerações sobre educação de surdos e tecnologias a partir da análise das estratégias de ensino de um professor surdo. *Texto Livre*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 242–256, 2017. <https://doi.org/10.17851/1983-3652.10.1.242-256>.

PERRONI, Maria Cecília. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PINTO, Milena Maria. *Estudo comparado das propostas educacionais para surdos no Brasil e no Uruguai*. Tese (Doutorado). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2024.

PINTO, Milena Maria; SANTOS, Lara Ferreira dos. A contribuição das brincadeiras para o aprendizado de Libras por crianças surdas. *The Specialist*, v. 41, n. 1, maio 2020. ISSN 2318-7115. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/esp/article/view/42412>. Acesso em: 08 set. 2023. <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2020v41i1a3>

QUADROS, Ronice; CRUZ, Carina Rebello. *Língua de Sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

REIS, Flavianne; LIMA, Marisa Dias. Educação bilíngue de surdos na LDB: uma nova conquista do movimento surdo. *ETD - Educ. Temat. Digit.*, Campinas, v. 24, n. 4, p. 761-780, 2022. ISSN 1676-2592.

ROCHA, Daniele Silva; NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. Professor ou instrutor? Reflexão sobre a profissão do educador surdo. *Revista Sinalizar*, v. 4, 2019.

SANTOS, Lara Ferreira dos. *O instrutor surdo em uma escola inclusiva bilíngue: sua atuação junto aos alunos surdos no espaço da Oficina de Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2007.

SANTOS, Lara Ferreira dos. *O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014.

SANTOS, Lara Ferreira dos *et al.* O instrutor surdo: caminhos para uma atuação reflexiva e responsável. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira (Org.). *Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p. 127-148.

SANTOS, Herminio Tavares Sousa dos; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MAIA, Márcia Maria De Oliveira. Metamorfoses da construção da identidade de um professor surdo. *Educação em Foco*, v. 26, n. 50, p. 1-22, 2023. DOI: 10.36704/eef.v26i50.6734. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/6734>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da Cidade: Educação Especial – Componente curricular: Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: SME/COPED, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/curriculo-da-cidade-educacao-especial-libras/>. Acesso em 20 maio 2025.

TURETTA, Beatriz Aparecida dos Reis; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Representação simbólica por crianças surdas na Educação Infantil. *Horizontes*, v. 36, n. 3, p. 24-35, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/718/312>. Acesso em 15 ago. 2020. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i3.718>.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. [1930]. *A formação social da mente*. 7. ed. Trad. José Cipola Neto *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. [1934]. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados da pesquisa estão contidos no próprio manuscrito.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autora 1 – Autora do projeto, participação ativa redação do texto, na coleta e análise dos dados, e escrita final.

Autor 2 – Supervisora do projeto, participação ativa na análise dos dados e revisão final do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.